

- Narval — Do sueco: *Nar* (*nasc*) e *Val*, nariz-baleia. Especie de cetaceo (Esses etymos são duvidosos e contestados).
- Algebra — Do arabe: *al-djaber*, *alxabr.* a restauração (1). A sciencia das restaurações.
- Janizaro — Do turco: *ieni-tcheri*, joven soldadesca. Milicia creada no seculo XIV.
- Paraiso — Do zend: *pairi-daeza*, ao redor, baluarte. Introduzido no grego por Xenophon-te e aproveitado pelos antigos traductores da Biblia. No persa *faradai-ça*, jardim; no grego *parádeisos*, no latim *paradissus*.
- Chocolate — Do mexicano: *choco-lattl*, cacáo agua.
- Xará — Do tupi-guarani: *xe-hera* (absol. *terà*) meu nome. É um brasileirismo (2).
- Rosicler — Do francez: *rose-clair*.
- Pundonor — Do hesp. *pun-d'onór* (*point d'honneur*).

É claro que na formação d'esta especie os elementos mor-
phicos só têm função de sentido para os eruditos.

Não é de somenos importancia notar que quasi todos es-
ses compostos, excepção feita dos arabes, foram adoptados
mediatamente pelo francez, que é o elemento de maior influ-
xo-depois do latim.

No caso geral dos compostos, podem-se se-
guir as regras seguintes:

1.^a O sentido do vocabulo é determinado pela
palavra principal ou raiz;

2.^a O sentido do vocabulo é modificado pelas
circumstancias expressas pelos prefixos e suffixos.

(1) Para os arabes, algebra era a sciencia das restaurações. Ainda hoje o cirurgião tem o nome de *algebrista*, termo que se vae tornando obsoleto.

(2) Veja a *Lingua Nacional* de João Ribeiro, pag. 92 e ap-
pendice.

Exemplificando, analysemos o vocabulo *perseguir*, que contém tres elementos morphicos: o prefixo *per*, o radical *segu* e o suffixo *ir*. O sentido, pois, d'este vocabulo será determinado pela raiz *segu*, que significa: andar, ir na mesma direcção. O suffixo *ir* denota a acção. O prefixo *per* designa que a acção é continua, longa, perpetua, perfeita. De sorte que *perseguir* designa a acção de andar na mesma direcção, no encaço de outra cousa, continuadamente, sem repouso.

Fazendo a applicação pratica d'esses principios, é preciso não esquecer que nos vocabulos juxtapostos e aglutinados, a palavra principal é, na quasi totalidade dos casos, representada pelo segundo elemento, como se póde verificar nos exemplos apontados.

Frequentemente, o sentido novo do vocabulo é produzido pelo que Darmstetter appellidou *a lei do contagio*: um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. E' o que succede com os adjectivos substantivados:

O rico	— (o homem)
O justo	— (o homem)
O sereno	— (o tempo) (1)
A meia	— (a calça)
O jornal	— (<i>diurnalis</i>) (2)

— A flexão é um dos factores de sentidos novos dos vocabulos.

O *numero*, v. gr., em:

a honra	— as honras	} (do francez)
o viver	— os viveres	
a parte	— as partes	

(1) *Seranus*. Outra fôrma: *serão*, de *serum*, a tarde.

(2) Velo directamente do francez.

O *genero* tambem modifica o sentido, ainda que em menor gráo:

fólho	—	folha
modo	—	moda
jarro	—	jarra
madeiro	—	madeira
cesto	—	cesta

Ha outros casos que não dependem da estrutura do vocabulo.

Note-se, a proposito de compostos, que em latim não havia a faculdade de compôr com verbos como em portuguez: *lãmbè-pratos*, *córta-páo*, e como tambem se fazia na lingua grega. Os compostos latinos formavam-se taes casos com adjectivos verbaes: *igni-vomus*, *armigerus*. Esse genero de composição tornou-se muito usual na linguagem dos poetas arcades do seculo XVIII, Diniz, Garção, Claudio, Filinto, etc. Desse influxo provêm *flammivomo*, *nubigero*, etc.

II

Flexão. Genero, numero e caso

Flexão é a propriedade que têm os vocabulos de exprimir variações de sentido, por uma modificação da terminação: *Deus, deus-es; louc-o, louc-a*.

Nestes exemplos os vocabulos *Deus* e *louco* variam de sentido, com só variar a *desinencia*. Todas as palavras variaveis são, pois, palavras de *flexão*.

No latim, as palavras exprimem as relações de posse (*genitivo*), de attribuição (*dativo*), de origem (*ablativo*), etc., por meio de casos, cujo conjuncto ou systema se chama declinação. As cinco declinações existentes no latim se reduzem a uma unica, que foi a primitiva.

Este factó comprova-se pelo accusativo em *m*, commum a todas: *horam, servum, arborem, currum, rem*, e pelo ablativo em *ibus* da 3.^a, 4.^a e 5.^a, que não differe do ablativo em *is* das duas primeiras: *is* (de *horis, servis*) é uma fôrma contracta de *ibus*, o que ainda se nota em alguns vestigios de nomes da 1.^a e 2.^a declinações, como *equa* e *Divi*, que fazem no ablativo plural *equabus, divibus*, etc.

Além das *flexões* de casos, possuia o latim, como o portuguez *flexões* que indicavam o genero e o numero.

A noção de *genero* derivou-se naturalmente da noção dos sexos. Mas, com o tempo, esta distincção se obliterou, de sorte que os *generos* nos seres inanimados nada mais indicam, e apenas dão, como diz Egger, elegancia ao estylo. No grego, por exemplo, ha nomes de mulheres que são do genero neutro. Em portuguez, como depois veremos, os *generos* variam com os tempos e com o progresso da lingua. A lingua ingleza é a unica que faz uma distribuição systematica dos generos: todos os ipanimados são neutros, os mais seres têm o genero correspondente ao *sexo*.

Comtudo, a origem dos generos é um problema ideologico que os recursos da linguistica nunca chegaram a esclarecer, de tal modo é intrincado, contradictorio e obscuro.

A interferencia de principios analogicos e phoneticos estabelece verdadeira confusão. Na mesma lingua os generos variam de uma epoca a outra: *fin* era feminino e assim *mar* na lingua antiga; hoje são masculinos, segundo o uso geral.

A **flexão de genero** indica o sexo dos animaes, dos entes suppostos animados e, por extensão, figuradamente, dá sexo a cousas e seres inanimados: o *cavallo*, o *Pegaso*, o *vicio*.

A **flexão de numero** indica pluralidade ou unidade (*singularidade*) dos seres: *a casa*, *as casas*.

Em portuguez existem dous generos, o *masculino* e o *feminino*; e existem dous numeros, o *singular* e o *plural*.

Em todos os casos de flexão, referimo-nos ás alterações da desinencia. Mas as variações de *genero* e *numero* por vezes se fazem com vocabulos diferentes ou produzem a modificação interna dos sons do vocabulo (1), mórmente da vogal tónica. Exemplos: *formôso*, *formôsa*, *formôsos*.

Só assim se explicam os pluraes com a modificação, p. ex., de *ão* para *õe* ou *ãe* (sermões, escrivães).

GENEROS DE SUBSTANTIVOS (2)

“O *genero* representa a distincção dos sexos. Os generos são dous o *masculino* indica os seres

(1) E' o *Umlaut* dos allemães.

(2) Comquanto já esteja a materia explanada no nosso curso elementar 1.º e 2.º anno), aqui damos um extracto da *Gramm.* de J. F. Macedo, que, creio, satisfará aos que não conhecerem devidamente esta parte pratica. Podem consultar-se com igual proveito as *Gramm.* de Epiphanio Dias, de E. Carlos Pereira, Ulysses Machado, F. A. Pereira Junior — onde se deparam indicações de alcance theorico e pratico.

machos, como *homem, leão*; e o *feminino*, as fêmeas, como *mulher, leôa*.

Aos substantivos que com a mesma fôrma significam individuos masculinos e femininos, dá-se a denominação de *epicenos* ou *communis de dous generos*: *lebre, cobra*.

Os generos dos nomes conhecem-se pela *significação* ou pela *terminação*.

DOS GÊNEROS CONHECIDOS PELA SIGNIFICAÇÃO

“I. — São masculinos os substantivos que significam *macho*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de homens, como *Pedro, rei*; quer de brutos, como *Bucephalo, cavallo*; já de profissões, ministerios e titulos proprios do homem, como *Bispo, Conde, Marquez, Conselheiro*; já mesmo os que, sendo femininos, quando significam cousas ou acções, passam (precedidos do artigo masculino) a designar officios ou occupações do homem, como *o atalaia, o guarda, o guia, o lingua*.

Por analogia, consideramos ainda masculinos os nomes d'anjos (bons ou máos), deuses falsos, ventos, montes, mares, rios, mezes, porque é na figura de homens que os costuma representar a pintura, esculptura e poesia; ex.: *S. Miguel, Lucifer, Jupiter, Marte, Norte, Atlas, Mediterraneo, Guadiana, Janeiro*.

II. — São femininos os substantivos que significam *femea*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de mulheres, como *Elvira, rainha*; quer de brutos, como *Issa* (cadélla de Publio Romano), *cabra*; já d'officios, titulos ou cargos que competem a mulheres, como *Abbadêssa, Freira, Condessa, Marqueza, Avó, Mãe, Costureira*,

Finalmente, são também por analogia femininos os nomes de cousas que a pintura, escultura e poesia costumam personificar em fôrma de mulher; ex.: as deusas fabulosas, como *Minerva*; as musas, como *Clio*; as parcas, como *Clotho*; as furias, como *Tisiphone*; as nymphas, como *Arethusa*; as 5 partes da Terra, como *Europa*, *Asia*, etc.; as sciencias e artes liberaes, como *Theologia*, *Mathematica*, *Pintura*, *Historia*; as virtudes e vicios, como *Fé*, *Temperança*, *Ira*.

III. — São communs de dous ou *epicênos* (1) os substantivos que com uma só terminação podem applicar-se ora a macho, ora a femea, como *infante*, *interprete*, *martyr*; — ou que com uma só terminação e debaixo d'um só genero, ou masculino ou feminino, significam ambos os sexos (e então têm o nome de *epicênos*), como são os nomes masculinos *côrvo*, *javali*; e os femininos *cobra*, *codorniz*.

Com estes nomes especificamos o genero do animal ajuntando-lhe o adjectivo *macho* ou *femea*; ex.: *o corvo macho*, *o javali femea*, *a cobra macho*, *a codorniz femea*.

DOS GENEROS CONHECIDOS PELA TERMINAÇÃO

“Os substantivos portuguezes acabam em alguma vogal ou diphthongo orâes ou nasâes; ou em alguma das consoantes finaes *l*, *r*, *s*, *z*; e em *d* nas

(1) Um estudo da importancia sobre os *epicenos* do portuguez e do hespanhol escreveu Leo Spitzer — em *Beitraege zur rom. Wortbildungslehre* (Archivum romanicum — 1921). A este vem appenso do mesmo autor — *Das Suffix-one-im Romanischen*.

duas palavras *talmúd*, *talúd*, que também se escrevem, e é mais commum, *talmude* e *talude*.

Nem sempre os nossos substantivos têm sido considerados do mesmo genero, que hoje lhes attribuimos; sendo que os nossos classicos se encontram femininos os nomes *cometa*, *echo*, *estrategema*, *extase*, *fim*, *mappa*, *planeta*, *synodo*: e masculinos *alleluia*, *arvore*, *bagagem*, *base*, *coragem*, *gáge*, *homenagem*, *laudes*, *linguagem*, *linhagem*, *origem*, *phrase*, *pyramide*, *villagem*, *visagem*, que o uso faz hoje os 1.^{os} masculinos, e os 2.^{os} femininos.

A alguns substantivos incertos entre os antigos, que ora os faziam masculinos, ora femininos, como *castrophe*, *diadema*, *metamorphose*, *personagem*, *phantasma*, *scisma*, *torrente* e *tribu*, o uso da nossa lingua ha hoje unicamente conservado o genero que tinham em suas origens, fazendo masculinos os que no Grego eram neutros, como *diadema*, *phantasma*, *scisma*, e femininos os outros, que o são também no Grego e no Latim.

Entram todos, pois, nas regras geraes, que passamos a dar das terminações, que são umas masculinas, outras femininas, outras communs aos dous generos.

I. — São do genero masculino os nomes terminados em:

á, í, ú, agudos, como *alvará* (excepto *pá*, feminino), *bisturí*, *bahú*.

ô grave, como *dardo*.

ô fechado, como *avô*.

im, om, um, como *marfim*, *tom*, *bodúm*.

ái, áo, éo, oi ou óe, como *pai*, *calháo* (excepto *náo*, feminino), *véo*, *mausoléo*, *comboi*, *heróe*.

l, como *poiál*, *tonnel*, *barril*, *paiól*, *consul*, *paúl*.

ar, er, ir, or, ur, como *lar*, *talhér*, *prazêr*, *cutter* (excepto *colhér* e *mulhér*, femininos), *elixir*,

vizir, amor, andor, ardor, favor (excepto *côr, dôr, flôr*, femininos), e *catúr*.

ôz, fechado, como *algôz*.

s, como *atlas, arrâes, jús, ourives* (exceptuando os em as, só usados no plural, como *andas, arrhas, alviçaras, cocegas*; alguns em es, como *preces, ephemerides*, e os gregos, que para o portuguez passam com a terminação *is*, como *dosis, hypothesis*; cuja terminação é hoje substituída geralmente por *e*, como *dose, hypothese*).

e os verbos no infinito, quando fazem a vez de nomes, como *andar, perder, dormir, compôr*.

II.— São do genero feminino os nomes terminados em:

à grave, como *casa, gomma, porta* (excepto *dia*, mascul.).

ã ou am nasal, como *irmã, lâ, maçã, romã*.

ãi e ê fechado, como *mãi, mercê*.

III.— São communs aos nomes masculinos e aos femininos as terminações em:

e agudo e grave, como...	{ M. <i>café, córte, dente, valle.</i> F. <i>fé, libré, ralé, arte, córte.</i>
--------------------------	--

ô agudo, como.	{ M. <i>beilhó, chinó, dó, ilhó, nó.</i> F. <i>avó, enchó, eiró, filhó, mó, teiro.</i>
----------------	--

ão ou am, como...	{ M. <i>caixão, feijão, lodão, melão, orgão, pão.</i> F. <i>acção, dicção, feição, multidão, opinião</i> , e em geral todos os nomes em <i>ão</i> , derivados dos latinos em <i>io</i> .
-------------------	--

em, como	{	M. <i>bem, desdem, págem, trem, vai-vém.</i> F. <i>ordem, vantagem</i> , e os mais substantivos em <i>gem</i> , excepto <i>págem</i> .
ei, como..	{	M. <i>rei, bei</i> ;—F. <i>lei, grei</i> .
az, como..	{	M. <i>anthraz, cabaz, cartaz, gaz.</i> F. <i>paz, tenaz</i> .
ez, como..	{	M. <i>arnêz, convêz, jaêz, pêz, revêz, xadrêz.</i> F. <i>fêz, rêz, têz, torquêz, vêz</i> .
iz, como..	{	M. <i>almofariz, matiz, nariz, paiz, tapiz, verniz.</i> F. <i>cerviz, buiz, matriz, raiz</i> .
oz, como..	{	M. <i>albornoz, aljaroz, coz.</i> F. <i>foz, noz, voz</i> .
uz, como..	{	M. <i>alcaçuz, alcatruz, arcabuz, capuz, obuz.</i> F. <i>Cruz, luz</i> .

Comquanto as precedentes regras habilitem para conhecermos o genero da mór parte dos appellativos portuguezes, poderemos obviar ainda as duvidas, que porventura dar-se possam para com algumas terminações, notando:

1º — Que os nomes femininos em *e* grave têm pela maior parte um *d* por figurativa, como *benignidade, caridade, castidade, probidade, raridade, saudade*.

2º — Que na mór parte dos femininos em *ão* é este precedido da vogal *i* ou da sibilante *s*, ou assim figurada, ou com dous *ss* ou *ç* cedilhado,

como *acção, opinião, pensão, petição, secção, sessão, união.*

3º — Que os femininos em **em** d'ordinario têm **g** por figurativa, como *ferragem, ferrugem, friagem, linhagem.*

4º — Que o geral dos femininos em **ôr** com **ô** fechado são monosyllabos; emquanto os masculinos são de mais d'uma syllaba, como se vê nos exemplos da regra I.

DOS NUMEROS E INFLEXÕES NUMERAES

“O *numero* é a propriedade que têm os substantivos e os adjectivos, de representar a *unidade* ou a *pluralidade*. São dous os numeros na lingua portugueza: — o *singular*, que designa um ser ou objecto só, como *urso, mesa, arvore*; — e o *plural*, que indica mais de um, como *ursos, mesas, arvores*.

Dos substantivos portuguezes, alguns só têm singular, outros só têm plural; os mais têm singular e plural.

Têm só singular:

1.º — Os nomes proprios; ex.: *Antonio, Ernesto, Izabel, Aveiro, Coimbra.*

E, com quanto ás vezes se diga: os *Césares, os Albuquerques, os Almeidas*; e terras haja, cujos nomes são pluraes, como *Abrantes, Alcaçovas, Elvas, Fornos, Silves, Torres, Vendas*; é porque uns de proprios passaram, por synecdoche, a ser communs e outros ao contrario; e assim, sendo singulares, conservam a fôrma do plural.

2.º — Os nomes proprios de cousas incorporeas, mas que costumamos individuar ou personi-

ficar, como as virtudes, artes, sciencias, etc.; ex.: a *Fé*, a *Castidade*, o *Amor*, o *Odio*, o *Pudor*, a *Juventude*, a *Theologia*, a *Milicia*, e todos os infinitos, quando servem de substantivos, como *amar*, *aborrecer*, *preferir*; bem como os nomes dos 4 ventos ou rumos cardeaes e dos seus collateraes e intermedios.

3.º — Os nomes de substancias elementares inorganicas e de suas especies e grupos; ex.: *hydrogeno*, *oxygeno*, *azoto*, *carbono*, *enxofre*, *ouro*, *prata*, *ferro*, *cobre*, *hydrureto*, *oxydo*, *sulfato*, *sulfito*.

E se ás vezes dizemos: *todas as pratas*, — posto a *ferros*, é figuradamente, em vez de: *todas as alfaias de prata*, — carregado de *grilhões de ferro*.

4.º Os nomes de productos animaes e vegetaes considerados especificadamente; ex.: *leite*, *mel*, *cera*, *almiscar*, *sedã*, *espermaceti*, *açafrão*, *azeite*, *canella*, *hortelã*, *mostarda*, *pimenta*, *incenso*, *lacca*, *myrrha*.

5.º — Alguns collectivos; ex.: *christandade*, *infanteria*, *cavallaria*, *artilheria*.

No plural só se empregam os nomes de cousas que nunca se consideram individualmente; ex.: *alviçaras*, *amygdalas*, *arredores*, *arrhas*, *bexigas* (doença), *cócegas*, *confins*, *expansões*, *exequias*, *herpes*, *laudes*, *matinas*, *preces*, *trevas*, *virtualhas*, *viveres*.

Os nomes que se empregam em ambos os numeros, — ou têm uma só forma para os exprimir ambos; ex.: *alferes*, *arrães*, *cães*, *ourives*, *simples* (com quanto os nossos antigos dessem a estes nomes a terminação de plural, dizendo *alférezes*, *arráezes*, *cáezes*, *ourivezes* e *simplices*); e os proprios

de homens e patronymicos, como *Carlos, Malachias, Marcos, Mathias*, etc.; *Alvares, Borges, Henriques, Pires, Vasques*; — ou têm fórmulas distintas de singular e plural; e para a formação d'estes passamos a dar as seguintes regras.

I. — Os nomes, em vogal ou diphthongo oraes ou nasáes, formam o plural accrescentando um *s* ao singular; ex.: *fita, fitas; monte, montes; prado, prados; mercê, mercês; javali, javalis; ilhó, ilhós; tribu, tribus; lã, lãs; páe, páes; lei, leis; véo, véos; heróe, heróes; mãe, mães; cidadão, cidadãos.*

Nunca, porém, a nasal, representada com *m* no fim, conservará este no plural, antes do *s*, mas mudal-o-á primeiro em *n* (e é regra orthographica), para que não se escreva *m* antes de *s*; ex.: *ordem, ordens*, fim, *fins*, tom, *tons*, atum, *atuns*.

Exceptuam-se d'esta regra grande parte dos nomes terminados em *ão*, que mudam para o plural o *ão* em *ães* ou *ões*, a saber: (1).

1.º — Seguem a regra geral os nomes em *ão* derivados dos latinos em *anum* ou *anus*; ex.: *irmão, irmãos, mão, mãos, orphão, orphãos, órgão, órgãos*; e os que no espanhol acabam em *ano* e no plural em *anos*; ex.: *cidadão, cidadãos, christão, christãos, cortezão, cortezãos, grão, grãos.*

2.º — Mudam o *ão* em *ões* no plural os derivados dos latinos em *o* com o plural em *ones*; ex.: *doação, doações, nação, nações, paixão, paixões*; — e os que no espanhol terminam em *on* e no

(1) Não são as regras que se seguem as melhores, porque não as ha boas nesta materia. Só a pratica do escrever e da leitura são guias seguros (*Nota de J. R.*).

plural em *ones*, ex.: coração, *corações* (do espanhol, *corazon*), e galardão, *galardões*.

Os nomes *benção*, *cidadão*, *villão*, podem fazer o plural *ãos* ou *ães*.

3.º — Mudam o *ão* em *ães* no plural os nomes que no latim fazem o plural em *anes*; ex.: cão, *cães*, pão, *pães*; — e os que no espanhol acabam em *an* e no plural em *anes*; ex.: allemão, *allemães*, capitão, *capitães*.

Os pluraes latinos em *ones* e *anes*, na passagem para o portuguez *ões* e *ães*, apenas soffrem a metathese do *n* para depois do *e*, conservando todas as letras do latim na ordem *oens* e *aens*, que são prosodicamente differentes maneiras de figurar o plural dos diphthongos *oe* e *ae*.

4.º — Os augmentativos e demais nomes em *ão*, não comprehendidos nas tres precedentes hypotheses, fazem o plural em *ões*; ex.: roupão, *roupões*, feijão, *feijões*.

Os nomes em *ô* grave, com syllaba accentuada em *ô* fechado, fórman regularmente a terminação do plural; — mas trocam para *ó* agudo o fechado da syllaba accentuada; ex.: povo, *póvos* (e tambem, *avô*, *avós*); — exceptuando *bolo*, *contorno*, *mono*, *morro*, que no plural conservam o mesmo accentu.

II. — Os nomes terminados em consoante formam o plural accrescentando *es* ao singular; ex.: ar, *ares*, colhér, *colhéres*, emir, *emires*, paz, *pazes*.

Exceptuam-se:

1.º — Os nomes em *s* e em *x*, que, antes de se lhes accrescentar a terminação *es*, mudam, os 1.ºs o *s* em *z* e os 2.ºs o *x* em *c*; ex.: nariz, *narizes*,

obús, *obúzes* (cujos singulares se escrevem mais geralmente com *z*), deus, *deuzes*; calix, *calices*.

2.º — Os nomes em *al*, *ol*, *ul*, que mudam o *l* em *es*; ex.: animal, *animaes*, anzol, *anzóes*, paul, *paúes*.

3.º — Os nomes em *el* e os em *il* (não accentuado), que mudam estas terminações em *eis*; ex.: tonnel, *tonnéis*, fóssil, *fósseis*, ágil, *ágeis*.

4.º — Os nomes em *il* agudo, que mudam o *l* em *s*; ex.: ardil, *ardis*, carril, *carris*.

As palavras compostas de dous nomes tomam geralmente a fôrma respectiva do plural só no ultimo nome; ex.: gran-cruz, *gran-cruzes*, salvo-conducto, *salvo-conductos*; — mas *qualquer* e *gentil-homem* fazem *quaesquer* e *gentis-homens*." (1)

(1) Aqui termina o que tomamos á *Gramm. port.* de J. F. Macedo. Veja-se tambem o *Dicc. grammatical*. Registramos essas regras porque são praticas e podem ter alguma utilidade ao estudo *expositivo* e *ideologico* das materias grammaticaes. No sentido do estudo *historico* e *comparativo* nada aproveitam. E' o que veremos do exame suplementar que vem em seguida.

Observações supplementares. I. Numeros

Os numeros do latim, singular e plural, foram conservados no portuguez em todas as categorias que os tinham no latim, isto é, nos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos.

O signal distinctivo do plural portuguez é o *s*. Por isso a palavra *ourives* (de *aurificem*) e as outras terminadas em *s*, rejeitam por euphonia a flexão do plural.

Ha, não obstante, o exemplo do plural de *ourivezes* e *simplices*, por *simples*. Os termos *alferes*, *cács*, tambem por euphonia rejeitam o plural, e aliás não são de origem latina. (Em Camões: *alferезes*),

A lingua grega tinha, além dos dous numeros, um terceiro, o *dual*. O latim possui os vestigios *ambo* e *duo*, que passaram para o portuguez na fórma *ambos*, *dous*, e as fórmas *nós*, *vós*, que etymologicamente representam o *dual*, mas sem o sentimento actual de dualidade.

II. Generos

Os generos, em latim, eram tres: o masculino, o feminino e o neutro.

Os generos masculino e feminino foram conservados na lingua vernacula; o genero neutro desapareceu.

O desaparecimento do genero neutro nas linguas modernas explica-se pela decadencia do genero barbarizado pelos godos e pelo character negativo e distribuição irracional d'esse genero.

Ha, todavia, varios casos em que o portuguez conservou a flexão neutra do latim. A palavra *al*, usada em expressão como "não digas *al*", é um vestigio do neutro latino *aliud*, adjectivo *alius*. *Ello* é um archaismo, e é um vestigio do neutro *illud*. Incidentemente, o neutro se manifesta no portuguez já não pela flexão da desinencia, mas pela variação interna do radical, como nas linguas semiticas: *isso*, *esso* (do neutro, *ipsum*); *isto*, *esto* (do neutro, *istud*); *aquillo* (do neutro

hoc-illud); tudo (do neutro, *totum*); o (*illud*) e *elle*, por *illo*. Este caso chamado de *alternancia vocalica* (Said AH) *metaphonia* (*umlaut* dos alemães) é mais propriamente peculiar aos verbos.

A esta classe pertencem, conforme o uso que d'elles se faz, *algo, pouco e muito*: "*Pouco tenho; muito poderia ter*". "*Algo tramam por ahi*."

Exemplos de fórmulas neutras:

"Vi o jardim; não havia nelle (por *illo*) agua."
"Todos querem ser illustres, mas pouco o são."
"Se esta historia é authentica, como o parece."

Em Portugal o povo diz *elle chove, elle é bom que...* (*bonum est*). (1)

Além d'esses factos, ha neologismos literarios tirados directamente do neutro latino. Taes são: *memofandum, ultimatum, Corpus Christi, mare-magnum, fas e nejas*.

Ha outra classe de neutros que entraram na lingua portugueza depois de passarem á 1.^a declinação latina, com a flexão em *a* do plural neutro. Taes são:

<i>Folium</i>	plural	<i>folia</i>	—	folha
<i>Erratum</i>	"	<i>errata</i>	—	errata
<i>Armum</i>	"	<i>arma</i>	—	arma
<i>Velum</i>	"	<i>veia</i>	—	veia

O genero feminino dos nomes em *ão* formava-se naturalmente em *oa* pobret^{oa}, abeg^{oa}, allem^{oa}, vill^{oa}, cidad^{oa}.

Essa flexão, hoje da linguagem plebéa, foi substituida pela de *ã* e *ona* valentona, cidad^ã. Tambem é verdade que do periodo ante-classico para o dos quinhentistas data a

(1) Aqui escreve-me Firmino Costa (ainda que me pareça ser o uso antes plebeu que classico): E' de uso classico o emprego do pronome *elle* e tambem do feminino *ella* com fórmulas neutras: "*Elle é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitencia*." Bernardes, Nova Floresta, I, 187. "*Escuta cá, Francisco. Elle ha um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de lêr*." Castilho, Colloquios aldeões, 113. "*Ella é cousa admiravel que os conselheiros de Castella se conformem tanto com os nossos*". Vieira, Cartas, I, 358.

transformação da terminação *om* para *ão*. Camões foi um dos que deram maior força e prestígio á pronuncia *ão*.

Eram dos dous generos os nomes em *or*: senhor, pastor, no port. antigo. Adoptaram-se depois as terminações em *ora*, *cira*: pastora, benzedeira. Nos *Cancioneiros* sempre está *senhor*, por *senhora*, e ainda em J. de Barros lêem-se: cidade *dominador*, mulher *merecedor*.

III. Declinação

A declinação latina desapareceu nas línguas romanas por effeito da tendencia *analytica*, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições.

As palavras, em geral, corrompem-se mais profundamente pela terminação. Por isso é que se perderam os casos em língua tão corrompida como devia ser o latim falado por estrangeiros barbaros. Nos documentos medievaes encontram-se exemplos: *venit per illo rivo...* veio por equelle rio; *vadit ad illo rivo ou ad illum rivum*, vaê para aquelle rio.

Na degeneração do latim, a 4.^a declinação em *us* confundiu-se com a segunda, *fructus, us* ou *cti*. A 5.^a confundiu-se com a 1.^a; *materies, luxuries* e *materia, luxuria*.

Não são raros, porém, os vestígios que ficaram dos casos latinos; citamos os exemplos mais característicos, além dos que se encontram nos pronomes pessoaes.

Nominativo. — O *nominativo* latino deixou vestígios incontestaveis, especialmente nos nomes proprios: *Dido, Apollo, Juno, Cicero, Cupido, Carthago, Deus, Venus, Nero, Jupiter, Domingos, Marcos, Jesus, Pilatos* (e *Aries, Leo, Virgo*. f. eruditas).

No francez, frequentemente a origem attesta o accusativo *Apollon, Didon, Ciceron, Junon*, etc. As fórmas obliquas também incidentemente apparecem em nossos classicos: *Cicerão*, por *Cicero*; *Varrão* e *Varro*.

O nominativo latino é indicado ás vezes pelo *s*: *Marcos Marco* em Camões, *Lus.* III, 41. *Carlos, Nemesís, Venus, Ulysses, Xerxes, Semiramis, Thetis, Adonis, Apelles, Euphrates, Moysés*; (ha exemplos de *Hydaspe, Gange, Xerxe*, em contrario, e acaso por influxo do italiano.

Muitos nomes proprios vieram do accusativo, como *Marte (Mars, tis), Scipião, Catão*.

Ha alguns nomes que se sabe vieram do nominativo, pela accentuação que conservam:

<i>Gorgulho</i>	de <i>gurgulio</i> ,	<i>onis</i>
<i>Bafo</i>	de <i>vapor</i> ,	<i>oris</i>
<i>Sór e Sórora</i>	de <i>soror</i> ,	<i>oris</i>
<i>Sastre</i>	de <i>sartor</i> ,	<i>oris</i>
<i>Tredice</i>	de <i>traditio</i> ,	<i>onis</i>
<i>Serpe</i>	de <i>serpens</i> ,	<i>entis</i> (erudita)
<i>Preste</i>	de <i>presbyter</i> (do francez)	
<i>Chantre</i>	de <i>cantor</i> (do francez)	

Algumas d'estas fórmãs são francezas, como é a *liz* (flôr de *liz*) antigo plural de *lil*.

Genitivo. — O genitivo deixou alguns vestígios em composição, em termos de origem latina, quasi todos formados naquella lingua.

<i>jus</i>	<i>jurisconsulto</i>	—	<i>jurisconsultus</i>
	<i>jurisprudencia</i>	—	<i>jurisprudencia</i>
<i>navis</i>	<i>naufragio</i>	—	<i>naufragium</i>

Naufragium, *navis-fragium*, quebramento de não. *Xo-frango*, derivado de *ossifraga* — que quebra osso. *Auspicio* deriva de *auspicium* — *avis*, *spectio*, a observação, o agouro da ave. *Freguez* hesp. *feligrez*, de *filius gregis*. Outros opinam pelo etymo *filius ecclesie*.

Ha quem explique a fórmula dos patronymicos como um genitivo basco; F. Diez considera a genitivo gothico (em *is*). Será talvez o ablativo do plural: *Paetz*—*Pelagius*.

Accusativo. — Foi o caso de onde commumente se originaram os nomes. Leão (*leonem*), leões (*leones*); arvore (*arborem*); peito (*pectus*); lado (*latus*).

O imparisyllabismo da 3.^a declinação dos nomes neutros, como *corpus*, *pectus*, prova que foi o accusativo e não o ablativo que nos deu a etymologia dos nomes vernaculos: *corpo* e não *corpre*.

Dous a dous, é util comparar os derivados simultaneos do nominativo e do accusativo, como *serpe* e *serpente*; *honra* e *honór*; *saibo* (*sapor*) e *sabor* (*saporém*).

Ablativo. — O ablativo deixou frequentes e numerosos vestígios, sobre tudo em fórmãs adverbias:

<i>agora</i> — <i>hac hora</i>		como — <i>quomodo</i>
<i>logo</i> — <i>loco</i> (<i>in loco</i>)		<i>car</i> — <i>quare</i> (quá-re (1))

(1) A expressão *car* (porque) é um archaísmo.

·E em todos os adverbios em *mente*: *banamente* (com boa intenção), *certamente* (*certamente*), etc.

Em alguns nomes da geographia: Chaves, Sagres (J. J. Nunes).

Opinam alguns que os nomes portuguezes vêm do ablativo latino. Esta opinião é insustentavel, porque não é admittivel que os pluraes portuguezes venham do ablativo em *is* ou *ibus*. Em segundo lugar, o ablativo não explica a derivação dos imparisyllabos neutros da terceira: *peito*, *lado*, que de certo não podem vir de *pectore* e *latere*, e sim dos accusativos *pectus* e *latus*, etc.; se viessem do ablativo, teriam necessariamente de conter vestigios do incremento (*copre*, *latre*, *peitre*), e é o que succede aos que não são neutros: lebre, de *leporem*. Demais, a grammatica comparada conclue para as linguas romanas a redução dos casos quando muito a dois (nominativo e accusativo, objecto) e afinal a supremacia do accusativo ou caso-objecto.

Dativo. — O dativo só deixou vestigios em alguns casos muito raros. Os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, derivam dos dativos *mibi*, *tibi*, *sibi*, *illi*. Em alguns compostos nota-se a presença do dativo:

ievoto — (*deo-voto*) — dado a Deus.

IV. O — S — do plural

Como no francez e no hespanhol, o *s* final tornou-se o excoente do plural do portuguez:

casa — *casa-s*; *homem* — *homen-s*.

Explica-se este facto pela theoria que faz derivar os nomes portuguezes do accusativo, na maioria. Dada a tendencia do maior numero, a analogia generalizou a regra, fazendo pospôr o *s* aos nomes que devem exprimir o plural.

Provindo os nomes do accusativo latino, o mais leve exame revela que este caso no plural sempre contém o *s* em todas as declinações.
